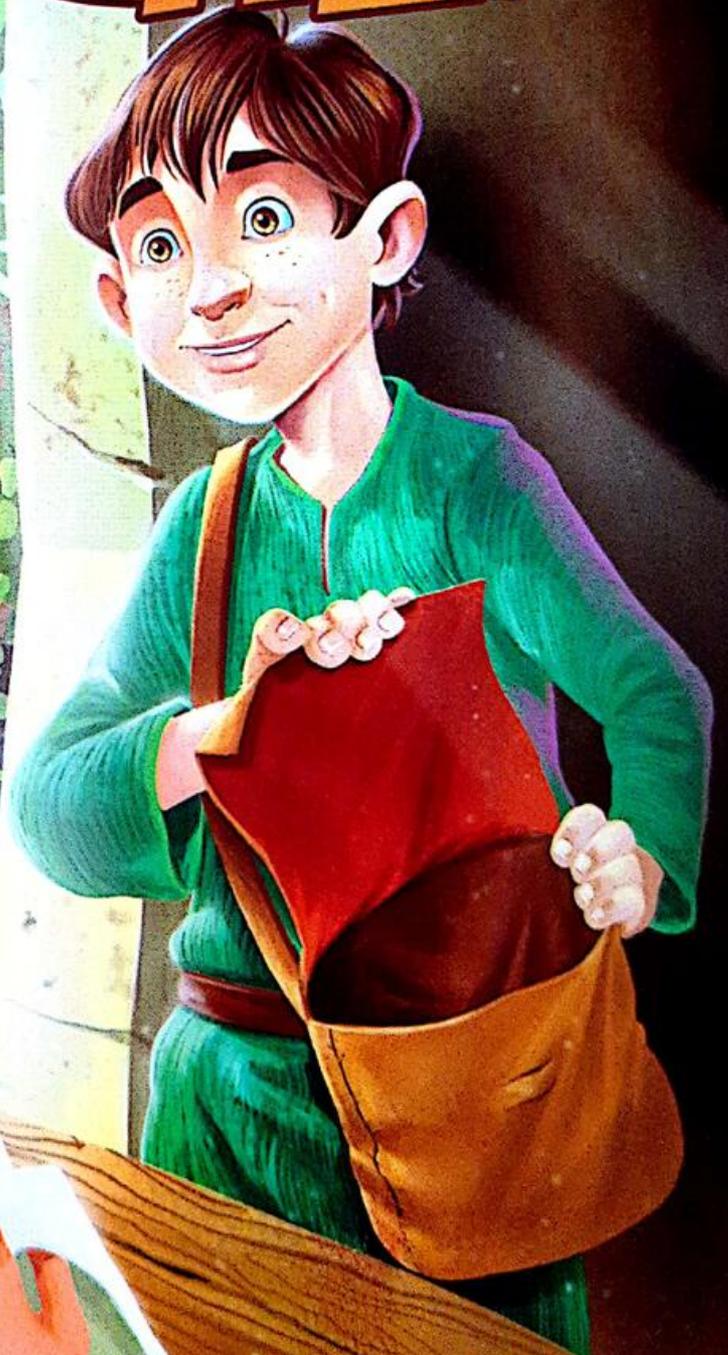


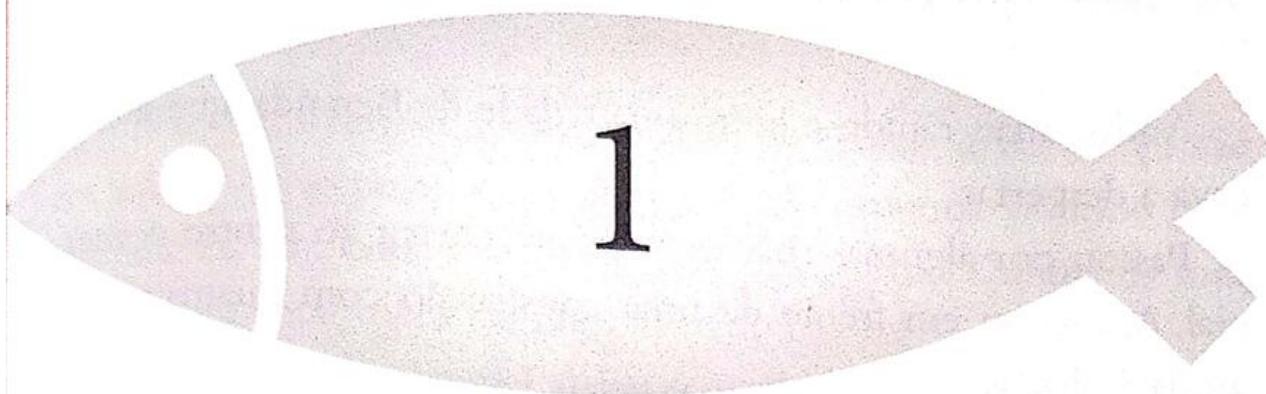
Denis Cruz

UM SIMPLES LANCHE

*A incrível história
do garoto que ajudou
a salvar o dia*



Lokra



ESCRAVO

Haniel era um garoto de não mais que 14 anos, mas sua juventude já havia sido assolada por dificuldades que nenhum menino merece passar.

O Sol nem havia começado a raiar e Haniel já caminhava pela vasta planície daquela região de seu país, Israel. Morava numa área afastada do centro, com a mãe: Joana.

Cada madrugada, ele se levantava, dava um beijo no rosto da mãe adormecida e ia para o trabalho.

Seria gratificante trabalhar para ganhar alguns denários,¹ mas esse não era o caso de Haniel, pois ele era um escravo. O máximo que ganhava no fim do dia eram alguns pães e, muito raramente, outros alimentos.

Sua mãe estava enferma fazia alguns meses e não tinha condições de trabalhar. Apenas uma coisa sustentava o jovem Haniel: a esperança de que um dia ele mudaria a própria história.

O Sol começou a despontar no horizonte, mostrando-se sobre o Mar de Tiberíades. Do alto da colina, o menino via a luz tingir de vermelho as águas. “Preciso me apressar”, pensou ele, apertando o passo, “não quero levar bronca do senhor Naum.”

Andou mais rápido e entrou na cidade de Betsaida, que começava a despertar.

Passou por algumas ruas estreitas até chegar ao centro comercial. Ali, parou em frente de uma construção com quatro portas, ainda fechadas.

– Ufa! – suspirou aliviado. Mas antes que puxasse a respiração, uma das portas se abriu.

– Entre e varra o chão – disse um homem carrancudo, vestido numa túnica azul e vermelha. As sobrancelhas negras e fartas quase se uniam aos cabelos, igualmente escuros, e a barba fechada descia-lhe até o peito.

– Sim, senhor Naum.

Haniel entrou no estabelecimento. Era uma loja de miudezas diversas, mas o produto principal eram tapeçarias bem trabalhadas. Pegou a vassoura e passou no chão de terra batida, deixando-o mais apresentável.

Em seguida, limpou dois balcões de madeira feitos pelo marceneiro da cidade.

Assim que terminou, Naum deu outra tarefa para Haniel: pendurar alguns tapetes e batê-los para retirar deles o pó.

Quando encerrou essas atividades, o dia já havia iniciado seu caminho habitual. A feira em frente do comércio estava cheia. Pessoas entravam na loja e saíam dela. Marta e Ana, as filhas mais velhas de seu patrão, atendiam os clientes.

– Terminei – informou Haniel.

– Vá lá para trás – disse-lhe asperamente o senhor Naum. – Não quero que os clientes vejam você andando entre a mercadoria com essas roupas esfarrapadas.

– Por favor, me perdoe – envergonhou-se o garoto. De fato, suas roupas estavam muito surradas, verdadeiros farrapos. – Minha mãe disse que vai conseguir algumas menos batidas.

– Não me interessa o que sua mãe vai fazer – a voz do patrão era áspera –, mas posso dizer que, se você continuar vestindo essas imundícies, vou colocá-lo pra cuidar dos porcos. Dentro da loja, você vai espantar meus clientes.

– Sim, senhor! – Haniel abaixou a cabeça. Um ardor queimou sua garganta. Queria chorar. – Desculpe-me.

– Saia daqui, eu já disse.

O garoto virou-se e foi para os fundos da loja. Sentou-se no chão poeirento e não conseguiu se conter. Chorou.

– Haniel, você está aí? – perguntou uma suave voz. – Você está bem?

– Sim, estou – respondeu ele, enxugando o rosto rapidamente.

– Parece que você estava chorando. Posso ir até aí?

– Pode sim. – Enxugou de novo o rosto. – Eu não estava chorando, é impressão sua.

– Está bem. Ajude-me, por favor.

Haniel se levantou e foi até a porta da casa onde estava a menina. Era Sara, a filha mais nova de Naum. Ela sorriu assim que as mãos do garoto tocaram a sua e a conduziram pelo quintal.

Sara era cega. Tinha nascido assim. Os olhos embaçados, com a íris coberta por uma mancha acinzentada, não conseguiam tirar a beleza do rosto sorridente, perfeitamente alinhado em longos e lisos cabelos negros. Um véu de seda azulada pendia de sua cabeça.

Ela sentou-se em um banquinho, e Haniel voltou ao seu lugar, no chão.

¹ Denário: uma pequena moeda de prata do sistema monetário romano e a de maior circulação no império. O denário correspondia ao salário de um dia de trabalho. Neste livro, quando mencionarmos moedas ou dinheiro, o leitor deve ter em mente que eram moedas de prata (denários) ou apenas moedas de metais preciosos não cunhados (geralmente prata).



O PESCADOR

- Como está o dia? – perguntou Sara.
- Bonito. Um céu imenso sobre nós, todo azulado.
- E como é o azul?

Pergunta difícil de responder. Como dizer para uma pessoa como é uma coisa sem ela nunca ter visto nada? Mas Haniel estava acostumado a conversar com Sara e sempre tinha uma comparação para tentar explicar.

- Sabe esse véu que você está usando na cabeça? Estenda-o em seu colo. – A menina lhe obedeceu. – Agora passe a mão nele.

As mãos de Sara correram pela seda, deslizando suavemente.

- Assim é o céu. Tenho a impressão de que, se nós pudéssemos tocá-lo, esta seria a sensação.

- Deve ser lindo – ela completou.

- Espere um pouco, tem mais. – Haniel se levantou e entrou numa sala aos fundos da loja. Saiu com um punhado de lã nas mãos e os colocou sobre o pano. – Isto são as nuvens.

Novamente Sara sentiu as texturas. Sorriu satisfeita.

- Ei, Haniel – chamou a voz forte de Naum. – O que você pegou do depósito?

- Perdão, senhor – virou-se receoso. – Um pouco de lã para...
- Não me interessam seus motivos – esbravejou o patrião. – Não quero você colocando suas mãos encardidas em nada. – Caminhou bufando até onde os dois estavam. – E não quero você mexendo em nada no depósito, ou você jamais valerá o prejuízo que seu pai me deu. – Pegou o punhado de lã sobre o lenço e os enfiou no bolso. – E você, mocinha, coloque o véu na cabeça.

- Bom dia, papai – disse Sara. Havia certa consternação em seu rosto. – Como está o dia?

- O dia está corrido, filha. Muito corrido. – Voltou para a loja apressadamente.

Mais uma vez humilhado, Haniel sentiu aquele nó na garganta. Sentiu vontade de chorar, mas Sara estava bem na sua frente e não conseguiria evitar que ela percebesse.

- Não fique triste, Haniel – falou a menina. Sua mão repousou nos ombros do garoto. – Ele deve estar preocupado com as vendas.

- Tudo bem.

Apesar da resposta afirmativa, nada estava bem. Não bastasse ser um escravo, seu senhor era extremamente rude. Tratava-o pior que um animal. Suas palavras eram sempre humilhantes.

Tinha saudades de seu pai, o pescador Iran. Sentia falta do tempo em que tinha a quem recorrer. Naquela época, se corresse algum risco, sofresse alguma injustiça, sempre sentia alívio, pois o pai poderia protegê-lo.

Algumas vezes tentou odiar Iran, mas não conseguiu. Só tinha boas lembranças de seu grande herói, mesmo que alguns dissessem que Haniel só havia se tornado escravo por causa da decisão do pai.

O garoto, por sua vez, jamais o culpou. Foi tudo pelo bem da família. Tudo o que Iran fez foi pensando no filho e na esposa. Assim pensava Haniel. E assim de fato era.

Um ano atrás, Iran havia entrado em casa com um sorriso maior do que o normal. Abraçou o filho de um jeito especial e correu para beijar a esposa.

– Eu consegui! Eu consegui! – disse Iran com uma alegria irradiante. – Comprei meu próprio barco!

Os três gritaram e se abraçaram. Haniel estava ali agarrado a eles na altura do peito do pai.

– Então Naum emprestou o dinheiro? – perguntou a mãe, e Iran apenas assinalou afirmativamente com a cabeça. – E você vai conseguir pagar?

– Vou trabalhar muito, pescar muitos peixes, e pagarei Naum. Deus nos abençoou até aqui. Ele não vai nos abandonar.

Era essa a frase que Haniel guardava no coração. “Deus nos abençoou até aqui. Ele não vai nos abandonar.”

Ah, mas como era difícil acreditar nisso! Como era difícil crer que Deus iria arrumar tudo. Haniel sempre se perguntava: “Onde estava Deus naquela noite quando a tempestade levou meu pai?”



A NOVA TÚNICA

– Ei, Haniel! – gritou Naum. – Venha cá. Tenho uma tarefa para você.

O menino foi até o patrão. Recebeu certa quantia de prata e a ordem para comprar pães.

Saiu pelas ruas de Betsaida, que significa “casa da pesca”. Era uma cidade de pescadores, como sugere o nome, localizada à margem do Mar da Galileia,² chamado de Mar de Tiberíades.

Bem mais adiante, Haniel podia ver o grande lago. Queria ir lá, só para sentir a brisa mais forte batendo no rosto, mas não podia. Caso se atrasasse para retornar, ouviria reclamações do patrão.

Andou apressado, chegando até a casa do padeiro. Naquela época, a maioria das pessoas fazia pães em casa, mas a família de Naum estava sempre muito empenhada com os trabalhos da loja. Por isso, optavam por comprar o pão.

Haniel deixou as moedas sobre o balcão, e o padeiro colocou cinco pães dentro do cesto que o garoto trazia. Agradeceu e voltou pelas ruas, não sem contemplar o distante mar que vez ou outra aparecia no horizonte.

Entrou na loja e Ana pegou o cesto. Tirou um dos pães e colocou-o em outro cesto com um pouco de cevada.

– Leve para sua mãe – disse ela e voltou para o trabalho.

Outra série de atividades esperava pelo menino, e ele as cumpriu com o devido zelo. Na hora da refeição do meio-dia, Marta trouxe um prato com um caldo de legumes para Haniel.

– Papai está reclamando de sua roupa – disse ela.

– Sim, minha mãe disse que está esperando que uma amiga dela nos dê algumas peças – respondeu assoprando o calor do caldo. Estava faminto. Na verdade, bem mais que faminto. Ainda não tinha comido nada naquele dia.

– É, mas nós não podemos esperar. – Marta entregou um pedaço de pão a Haniel. Ele o mergulhou imediatamente no caldo. – Eu tenho uma túnica, talvez lhe sirva.

O garoto parou o pão a meio caminho da boca. Olhou para Marta, meneou a cabeça e voltou a comer.

– É uma túnica de mulher, não é? – perguntou logo após engolir.

– É, mas se você...

– Não. Tudo bem. Eu aceito. Não estou em condições de recusar qualquer coisa. – Ele não queria, mas havia um tom rude em sua resposta.

– Olha, Haniel – disse Marta –, na verdade, eu queria pegar um bom pedaço de pano novo, mas se papai me vir dando tecido a você...

– Não precisa se explicar, Marta. Eu sou um escravo, não tenho o direito de usar uma túnica nova – novamente o tom rude carregou sua voz.

Levantou o semblante e percebeu que a moça estava constrangida. Ela tentou dar um sorriso, mas não conseguiu. Apenas continuou comendo.

Ao se levantar, Marta deixou uma peça de roupa cuidadosamente dobrada ao lado dele. Disfarçadamente, Haniel olhou para o pano acinzentado e depois o ergueu com desconfiança. Era uma túnica bem comprida, como as mulheres costumavam usar. Haniel resmungou qualquer coisa e voltou a comer.

No fim daquele dia, pegou seu cesto e foi para casa. A noite já havia debruçado suas sombras pelo vale. A caminhada durou quase uma hora. Chegou em casa e abriu a porta de madeira. O cômodo era iluminado por uma pequena lamparina com azeite. Havia uma toalha estendida no chão e, no centro dela, uma panela de barro com grãos cozidos.

– Como foi seu dia, filho? – perguntou-lhe Joana ao receber um beijo na testa.

Como resposta, Haniel deu um sorriso pesado. Parecia estar fazendo a força que precisaria para levantar uma montanha ao tentar esticar os lábios naquele sorriso.

– Correu tudo bem, mamãe. – Sentou-se no chão e abriu a panela. – Marta mandou-lhe um pão. Ah, e também me deu esta túnica.

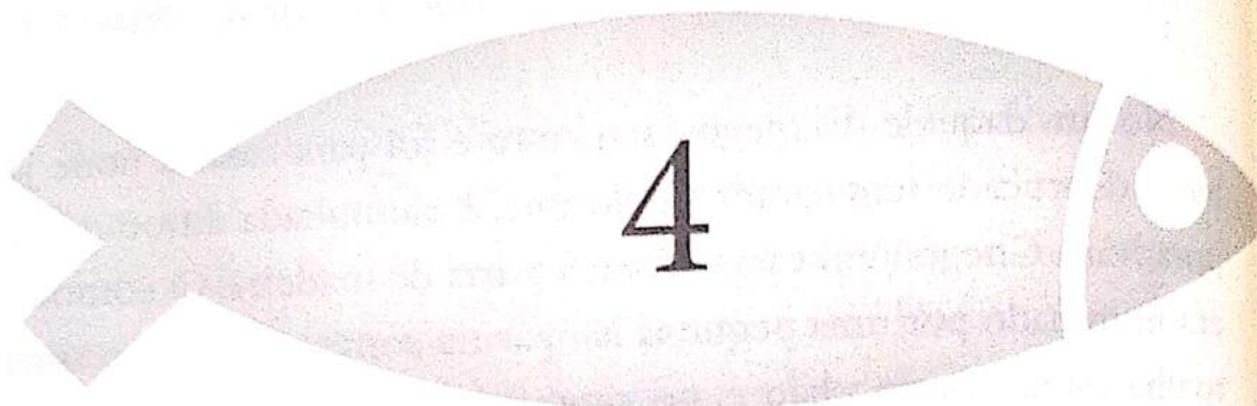
– Que bondade a dela! – Joana pegou a roupa e a estendeu. Reparou no comprimento da túnica e olhou para o filho. Haniel deu de ombros.

Ela sabia que Marta não tinha a intenção, mas poderia ser humilhante um garoto vestir uma peça com aquele comprimento, pois os homens usavam túnicas mais curtas.

– Vamos comer? – perguntou o filho.

– Sim. Mas lave os pés e as mãos primeiro.

²O Mar da Galileia também é chamado de Mar de Tiberíades ou Lago de Genesaré. Ele não é um mar de água salgada, mas um extenso lago de água doce. É o maior de Israel, com aproximadamente 19 km de comprimento e 13 de largura.



ESPERANÇAS

Quando Haniel voltou ao cômodo, a panela com os grãos e o pão estavam sobre a toalha no chão. Mãe e filho se assentaram para comer.

– E as dores, mãe?

– Foram fortes hoje – ela disse. Havia pouca comida em seu prato, pois não tinha o mesmo apetite de antes. Naquele ano que passara, seu rosto havia tomado outra feição. A alegria deu lugar à amargura e à dor. O desespero tomou conta de seus dias, e a esperança minguava aos poucos. Logo chegaria ao fim.

– Papai saberia o que fazer.

– Ele sempre sabia. Mas não se preocupe com isso, filho. Preocupe-se com sua dívida com Naum. Trabalhe bem e ele vai reconhecer seu valor. Ele o libertará.

– E se ele não quiser me libertar, mãe? Se ele não quiser quitar a dívida que papai tinha com ele, quem me livrará?

– O Senhor será seu socorro, meu filho. O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. O nosso Deus livrará você.

Joana não sabia se ainda acreditava naquelas palavras. Havia acreditado nelas por muito tempo e, mesmo assim, o socorro não a alcançou. Nunca teve muitas posses. Era filha de um humilde pastor.

Sempre alimentou muitos sonhos, e a maioria deles se concretizou quando conheceu Iran, o pescador de Betsaida.

Casaram-se, construíram uma pequena morada no vale e tiveram um filho. Iran também tinha seus sonhos. Queria comprar o próprio barco, conseguir mais dinheiro e adquirir uma casa na cidade.

– Próximo ao mar – dizia ele, sempre sorridente. – Vou construir nossa casa com vista para o Mar de Tiberíades. Lá mesmo, do quintal de nossa casa, vou lançar minha rede e o Senhor vai nos abençoar, enchendo-a de peixes. – Voltava-se para a esposa e a abraçava. – Assim não terei que passar muitos dias longe de você. Nunca mais precisarei ficar distante de minha família. O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó vai nos abençoar.

Não era só a comida que esfriava no prato de Joana. A chama de esperança estava por um fio, como a de uma lamparina com azeite acabando. Tudo o que ela queria era sentir a intensidade daquele sentimento quando ouvia falar o nome de Deus. Mas isso não acontecia mais.

Todos os sonhos, toda alegria e felicidade, o mar havia levado.

– Sim – disse Haniel com um avivamento tomando conta de seu semblante. – Deus vai me livrar.

Terminaram a refeição, conversaram mais um pouco e foram dormir. Mas Joana não conseguia dormir. As dores não eram intensas; entretanto, incomodavam a ponto de não deixar que ela descansasse.

Quando Haniel acordou, viu sua nova túnica pendurada ao lado da porta. Ficou surpreso, pois ela estava mais curta. Ao que parecia, sua mãe passara um bom período da noite arrumando a barra da roupa. Agora sim, apesar da pouca diferença, parecia uma peça de homem.

Vestiu-a com alegria. Olhou para o fogão e notou que havia apenas um bocado de grãos e um pedaço de pão. Apesar de o estômago pedir, não poderia comer; de outro modo, sua mãe não teria nada com que se alimentar durante o dia. Saiu de casa e caminhou pelo vale.

Dessa vez, chegou mais cedo e esperou recostado na porta da loja.

– Entre e varra o chão – foram as primeiras palavras de Naum, como sempre. Pareceu não reparar nas vestes do garoto.

Quando Ana e Marta entraram na loja, olharam a túnica e sorriram para ele. Notaram que o comprimento agora estava adequado e acenaram aprovando.

No meio da manhã, quando o movimento estava fraco, as duas irmãs conversavam:

– Ele está no monte – disse Ana. – E tem muita gente indo para vê-Lo.

– Dizem que Ele cura os doentes. O papai podia nos deixar ir para ver – falou Marta.

– Eu ouvi isto – Naum se aproximou delas. – É por causa dAquele charlatão que estamos tendo tão poucas vendas hoje. Os curiosos saem da cidade só para ver Seus truques. Até os viajantes que estão indo para Jerusalém nesta Páscoa se desviam da cidade, indo diretamente para o monte. Maldito seja Aquele enganador!

– Mas, papai – tentou argumentar Ana –, dizem que Ele cura até leprosos. E que cegos voltam a...

– Pare com isso, agora! – esbravejou o pai. – Não quero ouvir uma palavra sobre isso. Não quero ver ninguém falando dAquele falso profeta. Daqui a pouco, Sara estará tendo falsas esperanças por causa de um homem que só fala mentiras.



QUERO SER UM PESCADOR

Haniel estava perto deles e ouviu a conversa. Já havia ouvido falar do tal homem. Alguns O chamavam de Jesus de Nazaré, e outros O chamavam de Pescador de Homens (o motivo de darem a Ele tal título, Haniel não sabia). Uns falavam com fervor sobre Ele, outros eram indiferentes. Os comerciantes não gostavam nada dEle, pois, quando vinha para a cidade, trazia muitas pessoas, a maioria sem dinheiro para comprar qualquer coisa nos estabelecimentos e feiras.

Quando Jesus ficava fora da cidade, era ainda pior, porque muitos iam até onde Ele estava, quase esvaziando as ruas de Betsaida.

Ao terminar as tarefas, Haniel foi para o fundo do estabelecimento. Ali estava Sara, sentada em um banquinho. Ele se aproximou e a cumprimentou. Seu olhar embaçado estava ainda mais distante.

– Leva-me até Jesus? – disse ela baixinho.

Assustado, Haniel olhou para a porta da loja. Se Naum ouvisse uma coisa daquelas, estaria perdido.

– Não posso.

– Por favor, eu quero ouvir Jesus falar – insistiu a menina.

– Dizem que Ele conta histórias maravilhosas. Eu quero ouvir...
 – Fez uma pausa e falou com uma voz tão embaçada quanto seus olhos: – E dizem que Ele faz os cegos enxergarem.

– Sara, por favor. Pode ser tudo mentira. Podem ser truques o que Ele faz.

– E também pode não ser. E se Jesus for um profeta de Deus? Ou até mais que isso?

Antes que Haniel pudesse fazê-la desistir, Naum gritou seu nome. Virou-se num átimo, tentando esconder o susto quando o patrão apareceu na porta dos fundos da loja e disse:

– Vã até a feira de peixes. Procure por Oseias e diga que está ali para pagar uma dívida que tenho com ele. Encontrei-o ontem e disse que enviaria o dinheiro por você.

Naum entregou ao garoto uma sacola contendo alguns denários.

– O dinheiro está contado, não tem troco e não está faltando nada. Espere ele conferir e volte o mais rápido possível – orientou o patrão.

“Feira de peixes!”, pensou Haniel. “Perfeito!” Há um bom tempo queria ir até o grande lago. Iria ser uma visita rápida, mas poderia ver aquela imensidão azul de perto.

Desceu as ruas o mais rápido que pôde. Na verdade, percorreu uma grande parte do caminho correndo. Finalmente irrompeu na praia e olhou para o Mar de Tiberíades.

Haniel sentiu a brisa. O Sol parecia ter um brilho ainda maior, refletindo nas águas e na areia. O suave marulhar das pequenas ondas trazia à mente uma avalanche de lembranças.

Apesar de lhe ter levado o pai, o mar não era seu inimigo. “Um dia terei meu próprio barco”, pensou Haniel, “serei pescador.” Esse era seu desejo. Ser um grande pescador, como fora Iran.

Caminhou pela areia com os pés descalços, indo até a feira de peixes onde um amontoado de barcos amarrados em tocos

ancorava na praia. Mais à frente, pescadores ou seus parentes vendiam os peixes em várias tendas.

Procurando um pouco, encontrou Oseias. Ele estava recebendo alguns peixes e atendendo três outros clientes.

– Oh, Haniel, é você – disse o homem sorridente. – Venha, entre aqui. – O garoto lhe obedeceu. – Este está fresco, acabou de chegar. – Segurou um grande peixe nas mãos e mostrou para um dos compradores.

Aquele cheiro fazia Haniel lembrar-se do pai. É estranho pensar em alguém sentindo o forte cheiro de peixe e se recordando de uma pessoa querida, mas era justamente isso que acontecia com aquele garoto.

Iran fora um pescador, e as mãos não tinham outro cheiro a não ser o de peixe. Voltava para casa sempre trazendo um ou dois pescados.

A mente de Haniel não conseguiu ficar ali. Voltou para o passado, quando ele e a mãe iam até a praia esperar Iran. Enquanto os barcos apontavam no horizonte, mãe e filho tentavam identificar em qual deles o pai estaria.

– Chegou o peixão – falava o pai quando descia do barco, com o odor de peixe impregnado até a raiz dos cabelos. Corria atrás do filho, dizendo que iria passar todo o cheiro para ele. Haniel fugia, rindo e se divertindo. Foi assim, num passado não tão distante.

Lembrou-se de um dos melhores dias de sua vida, quando Iran o levou em uma tarde de pescaria. Não iriam muito longe, e seu patrão permitiu que levasse o garoto. Haniel viu as águas se espalhando ao redor do barco que entrava cada vez mais no mar.

Sentiu o embalar das águas e isso não o incomodou. Viu seu pai, concentrado, ajudando a lançar a rede. Pouco depois puxaram. Ela veio cheia, pois acertaram um cardume. Os homens no barco vibraram e se cumprimentaram, enquanto os peixes pulavam na

madeira. Haniel se uniu a eles na algazarra, abraçando o pai.

– Eu quero ser um pescador – disse o menino naquele dia.

– E será, meu filho. Deixarei meu barco para você como herança.

Deus vai nos abençoar. – Iran terminou a frase como sempre gostava de fazer, invocando o nome do Criador.



FEIRA DE PEIXES

– O que você tem aí para mim? – perguntou-lhe Oseias, trazendo Haniel de volta para o presente.

O menino estendeu a sacola com as moedas. O vendedor atendeu um cliente e recebeu o pagamento de outro.

– Coloquem os peixes ali atrás, por favor – disse para dois pescadores que traziam uma caixa. – Um minuto, Haniel.

Oseias abriu a sacola e pagou os pescadores com algumas moedas e prata dali de dentro. Depois revirou uma caixa com outras moedas e despejou ali dentro o que o menino havia lhe entregado. Colocou mais algumas moedas dentro da sacola e a devolveu para Haniel.

– Tome. Leve o troco para Naum e diga que está tudo certo entre nós. Não quero mais conversar sobre o assunto.

Por um segundo não sabia o que fazer. O vendedor se enganou. Não tinha troco a ser devolvido e, mesmo assim, ele colocou algumas moedas de volta.

Haniel pegou a sacola, agradeceu e saiu da feira de peixes. Andou mais alguns metros e conferiu os denários. Havia muitos ali dentro, provavelmente mais do que tinha levado.

Com todos aqueles clientes, com pescadores entregando mercadoria, Oseias se confundiu. Deve ter feito a conta errada. Devolveu uma soma em dinheiro que não precisava devolver.

Agora, um turbilhão de possibilidades passava pela cabeça do menino. "Vou devolver. Mas e daí? Ele pega o dinheiro de volta e pronto."

"Não, vou entregar para o senhor Naum. Não, ele vai ficar bravo comigo e me castigar. Ou poderia ficar muito feliz e me libertar. Ou, simplesmente, vai enfiar as moedas no bolso e me fazer alguma humilhação, como me chamar de burro por não ter ficado com elas para mim."

"Posso, simplesmente, usá-las. Comprar comida de verdade para mim e para minha mãe. Isso mesmo, comprarei alguns peixes para nós. E também uma túnica e capa novas e remédios que tirem a dor de minha mãe."

Como qualquer outro garoto de 14 anos, Haniel queria ter algumas coisas. Queria comer algo diferente e ter mais tempo para brincar.

Havia muito tempo, só comia pão e caldos. Às vezes, lhe serviam um pedaço de carne, mas ele não conseguia comer sem antes pensar na mãe. A comida perdia o gosto ao saber que não poderia compartilhá-la com a querida Joana.

Com aquele dinheiro, poderia comer algo que fizesse mais que encher a barriga por algumas horas. Poderiam cear com prazer. Comer o peixe de que tanto gostavam e que há muito não viam sobre a mesa.

"Não roubarás", lembrou-se com amargura de um dos Dez Mandamentos. Iran e Joana haviam sido ótimos instrutores. Ensinarão mais que a Lei e mostraram para Haniel que deveria obedecer-lhe por amor ao Criador. "É como se eu estivesse roubando Oseias. Ele errou ao me entregar este dinheiro."

Olhou para trás. Ao longe estava a feira de peixes. "Deus vai me livrar", pensou. "Quando Ele fizer isso, quero estar com o coração limpo para poder me apresentar inteiramente puro diante dEle."

Voltou pela areia e passou por tendas e barcos.

– Senhor Oseias! – chamou pelo vendedor que agora estava mais folgado (havia apenas um comprador no local). – Foi me dado troco a mais. Eu vim devolver – estendeu a sacola.

– É? – Oseias pegou as moedas com surpresa. – E quanto voltou a mais?

– Tudo.

O vendedor conferiu o dinheiro enquanto um rubor lhe subia o rosto. Não sabia onde havia errado para entregar tanto dinheiro como troco.

– Naum disse que não teria troco? – quis saber ele.

– Sim.

– E você viu quanto tinha na sacola? – perguntou. Haniel apenas confirmou com a cabeça. – Garoto, isto é quase o dobro da dívida que seu senhor tinha comigo. É o dinheiro da venda de três embarcações de peixe e representa o lucro de três dias para mim – olhou feliz para o menino. – Muito obrigado!

– Ei, quanto está este aqui? – perguntou o cliente e ele se virou. Aproveitando a deixa, Haniel saiu do local.

7

PEIXES

O garoto andou novamente pela praia. "Eu fiz a coisa certa", pensou e sorriu. "O peixe fica para outro dia."

Sentiu de repente algo pesar-lhe no ombro.

– Haniel? – perguntou o dono da mão que o segurava. – Seu pai ficaria muito orgulhoso.

Era Oseias. Com um sorriso simpático, olhava para o menino.

– Obrigado por ter devolvido o dinheiro – disse e empurrou para ele um cesto. – Por favor, aceite.

Haniel puxou para si o cesto e o abriu. Ali havia dois peixes. Ficou sem palavras por um segundo.

– Uau! – falou finalmente. – Obrigado, Senhor Oseias. Eu queria mesmo comer peixe.

– Olha, eu queria fazer mais por você. Seu pai era um grande homem e vejo que o educou muito bem. É lamentável o que aconteceu. Se Naum não fosse tão sovina, teria compreendido que tudo não passou de um acidente. Ele não precisava ter feito de você um escravo.

– Não se preocupe com isso – respondeu Haniel com o cesto de peixes entre os braços. – Deus trará meu livramento.

– Quando Ele o libertar, me procure. Preciso de uma pessoa de confiança para trabalhar comigo.

Uma chama sonhadora se acendeu em seu peito. "Trabalhar na feira de peixes? Ah, meu Deus, me abençoa para que esse dia chegue logo!"

Agradeceu pelos peixes e voltou correndo pelas ruas. Atrás dele, ficava o mar, dono das melhores lembranças e também do pior momento de sua vida. A mente não acariciava a recordação do dia mais chuvoso de sua vida.

Naquele triste dia do passado, seu pai estava embrenhado no mar com o barco recém-adquirido. Era a primeira viagem que fazia. O horizonte escurecia cada vez mais. Joana pegou o filho pelas mãos e caminhou com ele até Betsaida.

Quando chegaram à praia, o mar da Galileia estava escuro como a noite. O vento açoitava suas roupas, soprando o ar molhado em seus rostos.

– Papai está chegando? – perguntou Haniel naquele dia.

– Sim – respondeu Joana. Uma de suas mãos segurava a do filho. A outra apertava o próprio peito, num gesto de angústia.

A chuva caiu torrencialmente, molhando os dois que esperavam. Ondas fortes ribombavam nas areias. A tarde transformou-se em noite, e o mar não devolveu Iran. Isso tudo era passado.

Haniel, agora, chegava à loja de Naum. Entrou e foi diretamente para os fundos, aguardar as próximas ordens. Antes que pudesse sentar, seu patrão já estava sobre o umbral da porta.

– Você é um inútil! – disse esbravejando. Vinha em passos largos na direção do menino.

Agarrou-o pela túnica e o empurrou, fazendo com que o menino caísse no chão.

– Por que tanta demora? – o homem gritou – Tivemos movimento, sabia? Tive que mandar Ana fazer uma tarefa que seria sua. Clientes ficaram esperando por atendimento. Seu lugar é com os porcos.

Aturdido, Haniel não tinha o que responder.

– Você é como seu pai, Haniel, um preguiçoso. Um inútil preguiçoso que só dá prejuízo.

Aquela frase foi como uma agulhada no coração do menino. Já tinha ouvido algo parecido outra vez, e vinda da mesma pessoa.

Dois dias depois que Iran havia desaparecido no mar, Naum invadira a casa onde estavam Joana e o filho.

– Eu quero meu dinheiro! – gritava ele totalmente fora de si. Olhava para cada móvel como que avaliando o que tinha ali de valor que pudesse cobrir o empréstimo que Iran havia feito. Pelo trato entre os homens, Naum emprestaria o valor correspondente a um barco para o pescador, que pagaria com juros excessivos (o que era proibido pela lei de Moisés),³ conforme fosse tendo lucro com a pesca. Assim fecharam o negócio. O pescador pegou o dinheiro e comprou seu barco; porém, a fatalidade veio a seu encontro na primeira viagem.

– Onde está meu dinheiro? – gritou ele naquele dia. – Maldito seja Iran, inútil que só dá prejuízo.

Os olhos de Naum encontraram o menino encolhido entre os braços da mãe. Segurou Haniel pelo braço e puxou-o para si. Avaliou o menino como quem comprasse um cavalo.

– Você será meu até que a dívida de seu pai esteja quitada!

Joana tentou argumentar, ofereceu a si mesma como escrava, pois não tinha mais nada para dar em pagamento. Naum não aceitou. Tinha filhas para cuidar do comércio e da casa. O que precisava era de alguém que fizesse o pior trabalho.

³ Deuteronômio 23:29, 20.



O PEDIDO DE SARA

Havia resposta nos lábios de Haniel, mas não poderia dar nenhuma, pois corria o risco de levar uma bofetada. O amargo homem à sua frente continuava a pronunciar impropérios. Naum ofendia e humilhava Haniel. Todas aquelas más palavras eram inverdades.

“Senhor, Deus do meu pai Iran e dos pais de Israel, venha em meu socorro”, orou Haniel no silêncio de sua mente. “Sou apenas um menino e não tenho mais forças para suportar tamanhas humilhações.”

Naum parou de esbravejar. Bufava por entre a barba cerrada. Atrás dele estavam as filhas Marta e Ana que tinham vontade de impedir aquilo tudo, mas não podiam. O pai, muito severo, certamente as castigaria. Naum virou-se e entrou na loja.

Marta foi até o menino e se abaixou ao lado dele. Passou as mãos em seu ombro e tentou sorrir.

– Ele anda meio amargo ultimamente.

Desde que Haniel o conhecia, Naum era amargo. Não sabia que houvera um tempo em que o comerciante tinha sido diferente. Fora um homem tão alegre e sorridente como o pescador Iran. Marta, a filha mais velha, ainda tinha recordações daqueles dias.

Mas também aconteceram tempestades na vida daquele comerciante. Quando sua esposa, Adira, estava para dar à luz a filha Sara, algo deu errado na hora do parto. A jovem mulher não resistiu.

A criança sobreviveu, mas a parteira constatou que os olhos da criança eram cobertos com uma capa cinzenta. A menina havia nascido cega.

Naum rasgou as próprias vestes. Chorou amargamente. Ah, como amava a esposa e como esperava que ela lhe desse um filho homem! Naquela época, as pessoas julgavam que fatos como aqueles eram castigos divinos, aplicados por conta de grandes pecados cometidos pelos pais do bebê.

Diziam que Adira havia morrido por causa de seus pecados e afirmavam que Sara era cega em virtude dos erros de seu pai, Naum. Ele se afastou da sociedade. Não tinha feito nada contra Deus. Era obediente a todos os mandamentos e rituais judaicos. Não podia afirmar que amava a Deus, mas Lhe obedecia.

Naum afastou-se da sociedade acusadora, cuidando apenas de suas filhas. Não se casou mais. Só lhe importava ganhar dinheiro e enriquecer. A ganância tomou o lugar do amor em seu coração.

– Vamos, coma – disse Ana também se aproximando. Trazia consigo uma porção reduzida do caldo para o almoço. Naum mandou que, como castigo, reduzisse à metade a comida daquele dia.

A redução de sua *ração* foi imediatamente percebida pelo menino, mas ele não falou nada. O corpo de Haniel precisava de alimento, mas ele não sentia a mínima vontade de comer. Mecanicamente, enfiou uma colherada atrás de outra na boca.

Logo após a rápida refeição, Marta foi até ele e disse:

– Sara falou para o papai que quer andar pela cidade. Não podemos sair hoje. Você se importaria em levá-la?

– Claro que não me importo.

Qualquer coisa era melhor do que ficar naquele lugar pelo resto da tarde. Sair com Sara era sempre muito bom. Ele gostava muito da companhia da menina. Ela era muito alegre, pois não se deixou amargar por ter nascido sem a visão.

Haniel esperou que as irmãs a arrumassem.

– Para que tantos pães? – perguntou o senhor Naum, observando que Ana colocava cinco pães de cevada no cesto de Haniel, onde também estavam os dois peixes (estes, o homem não viu).

– Estou colocando a mais para Sara, caso ela sinta fome – respondeu a moça fechando o cesto.

Na porta da loja, Ana entregou o cesto a Haniel e cochichou-lhe aos ouvidos:

– Há uns pães a mais aí dentro. Se sobrar do passeio, leve-os para casa.

– Podemos ir? – perguntou Sara.

– Sim – disse Marta. – Bom passeio para vocês.

Antes que saíssem, Ana disse uma frase tão baixa perto do ouvido de Haniel que ele quase não compreendeu. Quando finalmente entendeu, ele se assustou. Ou estava enganado ou ela disse: “Leve Sara até Jesus.”

O garoto sentiu um calor subir-lhe no peito. Ana só podia estar de brincadeira. Se Naum descobrisse uma coisa dessas, certamente ele iria fazer o que alguns senhores cruéis faziam com seus escravos: castigá-lo com chicote.

Assim que a loja sumiu atrás deles, Sara disse:

– Leve-me até Jesus.

– Não posso – respondeu de imediato. – Seu pai, se ele souber, vai me castigar.

– Eu direi que é tudo culpa minha, não se preocupe.

– Ele não irá ouvi-la, Sara. Vai acabar comigo.

Naum tinha muitos defeitos, mas nunca havia batido em Haniel. Porém, esse medo sempre fora real para o menino, ainda mais depois do que acabara de passar naquele dia. Na hora em que o patrão agarrou-o pelas vestes, Haniel achou que iria levar no mínimo um tapa no rosto. Não bastasse ser constantemente humilhado, ele temia o momento que seria castigado fisicamente.

– Lamento, Sara. Mas não posso levá-la até o monte.

Caminharam alguns minutos. A menina segurava nas mãos de seu guia. Finalmente, ela disse:

– Jesus faz milagres. Eu preciso de um milagre. – Seu tom era de súplica. – E você, Haniel, não precisa que algo milagroso aconteça em sua vida?



A JORNADA

Sara soube para onde apontar as palavras. A única coisa que poderia mudar o destino de Haniel era um milagre. Órfão de pai, sem dinheiro ou bens, mãe doente e ainda escravo. Essas eram as qualificações daquele menino que sonhava ser pescador.

Mas como poderia conseguir isso, sendo um mero escravo? Seu pai trabalhara a vida inteira e só conseguira construir um rancho numa terra que não era sua. Para comprar um barco, teve que se sujeitar aos juros de um agiota.

Era difícil reconhecer, mas não havia esperança para mudar sua situação. Humanamente falando, não havia solução para seus problemas.

Agora falavam de um tal Jesus. O que fazia milagres. Por Seu intermédio cegos voltavam a enxergar, coxos andavam, leprosos eram curados, loucos recuperavam a sanidade.

Ouvira várias histórias a respeito, mas ele mesmo nunca tinha visto ou ouvido Jesus. Havia alguns seguidores Seus em Betsaida e, segundo o que ele sabia, dois ou três de Seus discípulos mais próximos eram dali mesmo da cidade.

Mas que diferença isso fazia? Não seria Jesus um charlatão, como afirmava o senhor Naum? Poderia depositar as esperanças (ahás, o

fio de esperança que ainda lhe restava) nas mãos de alguém alardeado como profeta por uns e charlatão por outros?

– Responda-me, Haniel – insistiu Sara. – Você não precisa de nenhum milagre?

Estavam os dois parados no meio de uma rua. Sara olhando para o nada, e o menino fitando os olhos sem brilho.

– Sim, eu preciso – respondeu, reconhecendo sua necessidade de algo sobrenatural.

– Então, me leve para ouvir Jesus.

Não dava para acreditar, mas Haniel estava conduzindo Sara para fora da cidade. Minutos depois, saíram para o campo rumo ao monte.

A caminhada seria longa. Talvez, com muita sorte, conseguiriam ver Jesus e voltar antes que o senhor Naum se desse conta de que a hora havia avançado demais.

Andaram por uns quinze minutos, e o garoto percebeu que levaria bem mais tempo do que havia imaginado. Sara caminhava com dificuldade no terreno irregular. Havia pedras soltas em todo lugar. Levariam duas ou mais horas só para chegar ao monte.

Não tinha jeito, seria descoberto e sofreria as consequências. Ainda não tinha certeza de que houvesse qualquer esperança em encontrar Jesus. Quem era Ele, afinal? Teria algum poder de ajudá-lo de verdade?

Ao tomarem uma pequena estrada, um grupo formado por dois casais e duas crianças montadas num burro passou por eles.

– Estão indo ver Jesus? – perguntou um dos homens.

Haniel respondeu afirmativamente. Uma mulher com manto azul na cabeça cochichou algo no ouvido do homem que, provavelmente, era seu marido. Ele virou-se para o menino e disse:

– Deixe que a menina siga viagem em nosso burro.

– Vamos, cavalo, vamos – gritavam os meninos no lombo do animal.

– Mas e suas crianças? – perguntou Haniel.

– Elas já estão precisando caminhar um pouco – sorriu o homem. – Vamos, vamos, não se acanhe. Nesse passo lento, Jesus já terá ido embora quando vocês chegarem.

Sara agradeceu e montou no animal. A viagem ficou mais rápida e todos se apresentaram.

Os viajantes eram Boaz e Tamir, pais dos dois meninos, e o jovem casal que os acompanhava, Jero e Mira.

– Estamos indo para Jerusalém, comemorar a Páscoa⁴ – disse Jero – e ouvimos falar que Jesus está num monte aqui perto.

– Vamos lá ver Seus milagres e ouvir Suas histórias – completou Tamir.

– Ele realmente faz milagres? – quis saber Sara, agora em cima do lombo do burro.

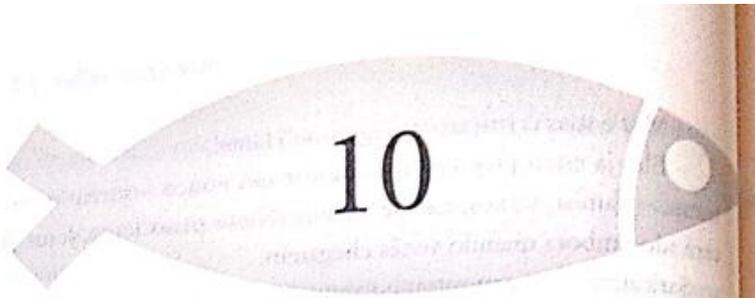
– Ah, sim, isso sim – falou Tamir.

– Você vai em busca de cura, não vai, menina? – A pergunta vinha de Boaz e havia um tom solene em sua voz.

Sara não respondeu imediatamente. Queria dizer que sim, mas tinha receio de que, ao dizer, não acreditasse nas próprias palavras.

– Ele pode me curar? – perguntou ela em vez de responder.

⁴Joko 6.2, 3.



QUEM É ELE?

Novamente um silêncio caiu sobre a comitiva. Isso fez a esperança de Haniel esfriar outra vez. Pensou em pegar Sara pelas mãos e retornar correndo para a loja de Naum, antes que ele notasse que já estavam demorando.

– Sim, Ele pode – respondeu Boaz. – Se você acreditar, Ele pode.
– Quem é Ele, afinal? – perguntou Haniel.

Os viajantes se entreolharam, como se estivessem combinando quem daria a resposta ou qual seria a mais adequada.

– Depende de quem você esteja disposto a ouvir – disse Jero. – Já me disseram que Ele é um profeta, assim como me falaram ser Ele um falso profeta. Já ouvi dizer que ele é João Batista, Elias ou Jeremias.⁵

– Ele é o Cristo. O Cordeiro de Deus. O Messias que tirará o pecado dos homens – afirmou Boaz, com a mesma solenidade na voz. Todos olharam para ele.

– Eu estava lá e ouvi a voz de Deus dizendo isso. – Continuaram a caminhar. O interesse de Haniel ia aumentando conforme o homem contava. – Ouvi as pessoas falarem de um profeta que clamava no deserto.⁶ Fui conferir, pois isso era um sinal predito pelo profeta Isaías.

Boaz continuou seu relato:

– Naquele dia, encontrei uma multidão às margens do rio Jordão, perto da cidade de Betânia. Nas águas, havia um homem chamado João Batista. Ele dizia que batizava as pessoas que se arrepiavam de seus pecados. Em sua mensagem, ele aconselhava o povo para que andasse no caminho do Senhor e que, após ele, viria o Cristo, prometido nas Escrituras.

– Sim, eu estava lá quando o povo abriu passagem e João Batista apontou para um homem – prosseguiu Boaz. – Ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” Então o Homem que ele apontou entrou nas águas e foi batizado. Quando aquele Homem saiu das águas, os céus se abriram e uma pomba desceu até Ele. Então, ouvimos uma voz que vinha do alto e dizia: “Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo.”⁷

– Você ouviu mesmo isso? – perguntou Sara.

– Ouvi – respondeu com convicção.

– E quem era o homem apontado por João Batista? – perguntou Haniel.

– Era Jesus. Aquele que vocês estão indo encontrar. Ele é o Filho de Deus.

As duas crianças corriam pelo campo. Brincavam e riam alto. Sara sentiu a esperança aumentando ainda mais. Desde criança ouvira falar do Messias, o prometido de Deus que viria para fazer coisas grandiosas.

– E isso é suficiente para dizer que Ele é o Cristo? – seguiu Haniel com perguntas.

– Menino – foi a vez de Tamir falar –, os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, mortos são ressuscitados e Ele prega a chegada do Reino de Deus aos pobres.⁸

“E Ele liberta escravos? Ele faz que dores intermináveis cessem?”, queria perguntar o garoto ao lembrar-se de sua mãe, mas não teve coragem.

– Eu não sei se creio – finalmente Haniel desabafou.

– E com certeza Ele não obrigará você a acreditar – falou Boaz.

– Mas uma coisa eu digo: Ele é o Messias.

Havia convicção nas palavras daquele homem. Haniel não sabia, mas ele era um sacerdote de sua cidade, um estudioso da Palavra de Deus e conseguiu reconhecer muitos dos sinais previstos pelos profetas se cumprindo em Jesus.

– Nenhum homem antes dEle fez tantas maravilhas. Nem mesmo os profetas – insistiu Boaz. – Você conhece as promessas, garoto. O homem se entregou ao pecado no Jardim do Éden. Desobedeceu a Deus e comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal. A sentença era a morte, mas Deus prometeu que enviaria Seu Filho para morrer em lugar do homem.⁹ Então o Senhor disse a Abraão que ele formaria uma grande nação e que todas as outras nações seriam benditas por meio dele, ou seja, o Messias seria descendente de Abraão, de Isaque e de Jacó.¹⁰ E também está nas Escrituras que Ele seria da casa de Judá, herdeiro de Davi.¹¹ E mais, o Cristo nasceria em Belém, nasceria de uma virgem e, ao nascer, fugiria para o Egito para não ser morto.¹² Seu ministério seria por toda Galileia e falaria como profeta.¹³

Boaz olhou fixamente para o rosto de Haniel e disse de forma enfática:

– E, pelo que ouço falar, todas essas profecias se cumprem na pessoa de Jesus.¹⁴ Ele é o Messias. Tenho certeza de que cumprirá tudo o que diz respeito a Ele nas Escrituras.

Na sinagoga, ele havia estudado muito a respeito dos sinais e também ouvia falar diversas coisas a respeito de Jesus.

– É Ele – confirmou Boaz um dia, enquanto examinava diversos pergaminhos em sua escrivaninha iluminada por velas. – Jesus é o Filho de Deus!

⁹ Mateus 16:15, 16.

¹⁰ Isaias 40:2, 3; João 1:23.

¹¹ João 1:15-34; Mateus 3:13-17.

¹² Mateus 11:5.

¹³ Gênesis 3:15.

¹⁴ Gênesis 18:18, 17:19, 24:17.

¹⁵ Gênesis 49:10; Isaias 9:7.

¹⁶ Miqueias 5:2; Isaias 7:14; Jeremias 31:15; Oseias 11:1.

¹⁷ Isaias 9:1, 2; Deuteronômio 18:15.

¹⁸ Atos 3:25; Mateus 1:2; Lucas 3:33, 34; Mateus 1:1, 18; 2:1, 14; 4:12; João 6:14.

A VOZ DO PESCADOR DE HOMENS

Boaz não entrou em detalhes sobre as outras profecias, mas foi o suficiente para incendiar a esperança nos dois jovens.

– Isso é tudo? – perguntou Haniel, como se ainda precisasse de argumentos.

– Não, não é tudo – disse Boaz e olhou para Tamir. – Está vendo aquele menino correndo ali? – apontou para a menor das crianças. – Ele nasceu deficiente, com o rosto e corpo deformados. Tínhamos vergonha dele, esta é a verdade. – Tamir colocou a mão em seu ombro quando ele falou aquilo e concordou com uma expressão envergonhada. – Certo dia, fiquei sabendo que Jesus estava em Betânia e viajei até lá. Consegui chegar até Ele, e o milagre aconteceu. Vi as feições de minha criança ficarem reconhecíveis. Vi os ossos retorcidos dos braços e pernas do menino se endireitarem.

Ele enxugou uma lágrima que não conseguiu conter. Tamir fez o mesmo.

– Enfim, vi o primeiro sorriso de Jesuel, meu filho.

Boaz resumiu muito da história. Não contou que, mesmo reconhecendo que Jesus era o Messias, não podia declarar isso abertamente.

Caso dissesse algo assim, sendo sacerdote, certamente seria expulso de suas funções no Templo, pois os grandes sacerdotes pensavam de modo diferente dele.

Quando decidiu levar Jesuel até Cristo, ele o fez na calada da noite. Viajou para Betânia vestindo um capuz que cobria o rosto. Quando encontrou Jesus, não revelou sua face. Estendeu a criança enrolada em panos para Ele e pediu:

– Tenha piedade desta criança, Jesus, Filho de Deus; eu sei que o Senhor pode curá-la.

– Você crê que Eu posso? – foi a pergunta de Jesus.

– Sim, eu creio – respondeu-Lhe Boaz, e Jesus acenou afirmativamente com a cabeça. Quando olhou para o manto, Jesuel já estava curado e sorrindo.

– Um milagre de verdade! – disse Sara, que ouvia toda a história.

A jornada foi reduzida em pelo menos uma hora, pois o ritmo da comitiva era muito bom.

Já estavam ao pé do monte em que a vegetação rasteira misturava-se a pedras soltas aqui e acolá. Muitas pessoas iam em direção àquele local, pois sabiam que Jesus estava por ali.

Começaram a subir o monte e havia um silêncio, como se estivessem em solo sagrado. Aos poucos, foram vendo grupos de pessoas ao longe, sentadas no chão. A primeira frase que soou aos ouvidos de Haniel foi:

– Felizes os que choram, pois serão consolados.¹⁵

A voz era forte como um trovão e, ao mesmo tempo, suave como uma brisa. O garoto tentou ver de onde vinha aquele som imponente, mas só percebia que vinha do alto.

– É Ele! – disse Sara. – Me ajudem a descer. Quero ir até Ele – estendia os braços de cima do burro. – Você pode vê-Lo, Haniel?

– Não, ainda não – disse enquanto ajudava a garota a descer.

Agradeceram a ajuda e a companhia. Despediram-se da família de Boaz e lhes desejaram uma boa viagem.

De mãos dadas, Haniel e Sara subiram o monte. Passaram por várias pessoas, grupos e mais grupos amontoados, ouvindo aquela voz que ensinava, exortava e louvava a Deus. Era Jesus, mas eles não conseguiam chegar até onde Ele estava.

Continuaram caminhando. "Meu Deus, onde Ele está?", perguntava-se Haniel.

– Você pode vê-Lo? – dizia Sara a cada frase de Jesus que alcançava seus ouvidos.

– Não! – era sempre a mesma resposta.

O número de pessoas foi aumentando. Os grupos sentavam-se cada vez mais próximos. "Devemos estar perto", pensou enquanto conduzia Sara.

Então Haniel O viu e, no momento em que seus olhos fitaram Jesus, Ele falou com doçura e autoridade:

– Eu sou o Pão da Vida; o que vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede.¹⁶

Longe dali, Naum tinha-se dado conta da demora de Haniel. Pressionou Ana e Marta, e elas confessaram:

– Haniel levou Sara para ver Jesus.

O homem ficou em silêncio. Sua expressão era de ódio e surpresa, como se um punhal tivesse sido covardemente enfiado em suas costas.

– Por favor, papai – disse Marta vendo a ira crepitar nos olhos de Naum. – Nos perdoe! É tudo culpa nossa.

– Para vocês haverá perdão – falou com uma voz gutural saindo por entre a barba. – Mas a vida daquele maldito Haniel me pertence. Ele é meu por direito. Eu o matarei com as próprias mãos, como faria com um cachorro que me mordesse ao alimentá-lo.

¹⁶ Mateus 5:4
¹⁷ João 6:35.



PÃES E PEIXES

Haniel e Sara foram se embrenhando pela multidão.

– Eu consigo vê-Lo! Estou vendo Jesus! – disse o menino.

– Como Ele é? Como é Jesus?

Não estavam perto o suficiente para que Haniel pudesse ver qualquer detalhe merecedor de nota.

Só podia ver um amontoado de gente e, bem no alto, um homem sentado. Trajava uma túnica marrom e, pelo menos assim, de longe, parecia um homem comum.

Aproximaram-se o máximo que puderam e, então, sentaram num pequeno espaço que havia por ali.

Ouviam a voz de Jesus dizendo frases bonitas, contando parábolas e advertindo sobre o Reino dos Céus.

De onde estava, Haniel podia ver o rosto do Messias. Via Seus cabelos longos e a barba dividida ao meio. Havia uma serenidade em Sua expressão e as palavras fluíam da boca como um calmo riacho que verte de uma nascente. Ao mesmo tempo que a fala era suave, havia força nas sentenças que Ele proferia. Elas inundavam o coração desejoso de ouvir o Filho de Deus.

Entre aquelas várias pessoas que estavam ali, havia algumas que vinham apenas para ver milagres ou qualquer tipo de sinais. Outras vinham para ver se conseguiam algum tipo de comida de graça. E havia aquelas que vinham em busca de cura.

E existia um pequeno grupo interessado, verdadeiramente, no Reino de Deus que Jesus pregava.

Enquanto ouvia as palavras de Jesus, Haniel esqueceu-se de que era um escravo. Sentia-se livre até mesmo para voar, se preciso fosse. Esqueceu-se das dores, dos sofrimentos e pensou que, nas mãos daquele Homem, tudo seria possível.

Perdeu a noção de quanto tempo estava ali, ouvindo Jesus falar.

– Ei, garoto – perguntou um homem de ombros largos, batendo em suas costas –, o que você tem neste cesto?

– Dois peixes e cinco pães de cevada.

O homem abaixou-se e abriu o cesto. Conferiu o conteúdo e alisou a barba meneando a cabeça. Era Pedro, um dos discípulos de Jesus.

– Vá até lá e diga para André que você tem esse alimento.

“Você quer meu peixe?”, pensou. Mas acabou dizendo:

– Esta menina está comigo – apontou para Sara a seu lado. – Ela pode me acompanhar?

– Sim, agora vá – autorizou Pedro.

Levantaram-se juntos e Haniel foi guiando Sara por entre as pessoas. Pararam a alguns metros à esquerda de onde Jesus estava. Um dos homens que estavam ao lado do Messias foi até eles:

– O que você traz aí? – perguntou o homem.

– Você é André? Um homem pediu para que eu dissesse a você que trago comigo dois peixes e cinco pães de cevada.

André analisou o menino. Conferiu o cesto e pediu que se aproximassem. Sentaram-se quase ao lado de Jesus.

– Estamos muito perto de Jesus – cochichou Haniel no ouvido de Sara.

Ela sentiu um formigamento nos braços. Queria esticá-los para tentar apenas tocar o Messias. Podia ouvir Sua voz, ainda mais intensa, falando com as pessoas. Havia poder e bondade naquela voz. Havia um amor que palavras não conseguiriam descrever, mas que Seus atos deixariam bem claros à humanidade.

“Eu quero tocá-Lo!”, pensou ela, inclinando-se na direção daquela voz.

– Espere – interrompeu Haniel. – Ore a Deus para que tenhamos a oportunidade de falar com Ele.

Encerrando Suas palavras, Jesus Se dirigiu a um dos discípulos:

– Onde vamos comprar comida para todas essas pessoas? – perguntou.

– Seria preciso uma fortuna para dar um pão a cada um deles – respondeu-lhe o discípulo.

Então André, ao lado dos jovens, disse:

– Tem aqui um rapaz com cinco pães de cevada e dois peixes. Mas isso não dará para todas essas pessoas.¹⁷

Jesus inclinou-Se na direção de Haniel. Olhou para ele e acenou com a cabeça.

– Peça às pessoas que se sentem em grupos – disse Jesus enquanto Se levantava calmamente. Depois cobriu os dois passos que O distanciavam dos jovens e Se sentou ao lado deles.

– Você se importaria em Me dar os pães e os peixes para que Eu possa alimentar essas pessoas?

¹⁷ João 6:5-9.



O PESCADOR DE HOMENS

Haniel não sabia o que dizer. Jesus estava ali, diante dele, com Seu sorriso franco e olhar meigo. O que Ele pedia era estranho, pois aqueles pães e peixes jamais poderiam alimentar a multidão que estava assentada naquele monte.¹⁸

Outra coisa pesou para o menino: a importância daqueles peixes, pois havia muito tempo não comia. No passado, tinha sido comum o pai levar peixe para as refeições, mas, agora, como escravo que era, na maioria das vezes só lhe era servido um pouco de cozido e um pedaço de pão. É bem verdade que passara o dia pensando em voltar para casa e presentear a mãe com aquela surpresa. Ceariam juntos e certamente conversariam sobre como Iran lhes fazia falta.

Mas isso não revelou ser um peso para Haniel. Jesus estava diante dele, e Haniel queria atendê-Lo. Não para ter qualquer coisa em troca, mas porque sentia que, se Cristo lhe pedia algo, era importante.

– Não, Senhor. Não me importo – disse o menino estendendo o cesto. – Por favor, meus pães e meus peixes são Seus.

Sara, ao lado de Haniel, segurou firme em seus braços, como que esperando para ser curada por Jesus. Mas isso não aconteceu.

Jesus voltou para Seu lugar, enquanto o discípulo André preparava os peixes, assando-os em uma pequena fogueira acesa ali perto. Assim que ficaram prontos, o discípulo os entregou para Jesus. Ele sentou-Se no chão, e Haniel O viu dando graças pelo alimento.¹⁹ O que aconteceu a partir daí foi algo maravilhoso.

Os discípulos se aproximaram de Jesus com cestos vazios. Jesus lhes dava pães e peixes suficientes para encherem seus cestos.

Andando por entre a multidão, os discípulos entregavam o alimento a cada uma das pessoas. E, quanto mais entregavam, mais se enchiam os cestos dos discípulos.

– O que está acontecendo? – perguntou Sara.

– É incrível – disse Haniel olhando para as pessoas sentadas na vastidão do monte abaixo. – Há pão e peixe para todos.

– E de onde veio tanto peixe?

– Do meu cesto.

Era surpreendente. Mais de dez mil pessoas²⁰ sendo alimentadas a partir de dois peixes e cinco pães!

Jesus aproximou-Se dos jovens e entregou o alimento para eles. Sentou-Se ali, e comeu com Sara e Haniel.

Não disseram uma palavra sequer, mas ficaram juntos, comendo em silêncio.

Haniel queria dizer algo, mas não achava palavras para iniciar a conversa. Provavelmente Jesus já havia feito as curas naquele dia e talvez já tivesse terminado a hora de realizar milagres.

Haniel queria gritar ali mesmo, diante de Jesus: “Salva-me!” Mas as palavras não vinham.

– Pescador de Homens – disse Sara, seus olhos embaçados estranhamente olhando direto para o rosto de Jesus, que sorriu ao ouvir as palavras. – Um dia, um homem falou na loja de meu pai que Jesus é um Pescador de Homens.

Haniel ainda não compreendia por completo o significado desse título dado a Jesus. Ele nunca tinha visto o Nazareno, e a primeira imagem que fez dEle foi de uma figura imponente. Jesus não era assim, imponente. Era uma pessoa simples como qualquer outra. Alguém vestido em uma túnica que podia ser comprada em qualquer bazar ou até mesmo costurada em casa.

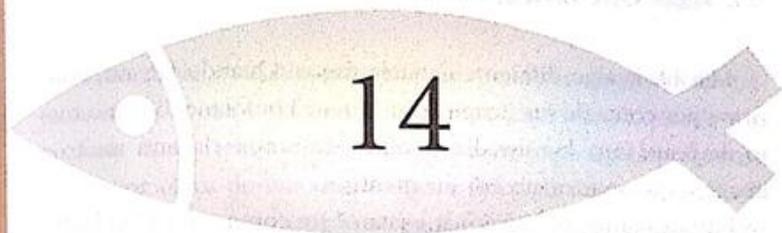
Ouvir dizer que Ele era um pescador, ainda que de homens, era plenamente possível, pois sentado ao lado de Haniel estava um homem tão humilde que poderia estar dentro de um barco, lançando redes para pegar peixes. Era tão humano quanto seu pai, Iran.

Mas parecia que o mar era aquele monte, e os peixes, as pessoas. A rede era a palavra de Jesus, e o barco para onde Ele queria puxá-los era o Reino dos Céus.

¹¹ 5 mil homens (João 6:10).

¹² João 6:11.

¹³ A Bíblia fala em 5 mil homens (João 6:10), pois naquela época só se contava o número de homens. Era bem provável que, para cada homem, houvesse uma esposa e um filho. Assim, chegaríamos à soma de quase 15 mil pessoas no total.



MILAGRES

Sara havia pensado muito em como chegar até Jesus. Agora que estava diante dEle, nada lhe vinha à mente. Ele estava ali, ao alcance de uma voz sussurrada.

Cristo já sabia qual era o desejo no coração daquela menina, mas às vezes Ele faz isso: espera para que a pessoa tome a atitude.

– Jesus! – disse ela.

– Fale, Minha filha – respondeu com voz suave.

– Eu quero ver Seu rosto.

Jesus pegou nas mãos da menina e as aproximou de Sua face. Para Sara, era um exercício comum tatear para identificar objetos ou até mesmo para sentir como era a expressão de uma pessoa.

Fazia assim com o pai, com as irmãs e com as pessoas que conhecia.

Ali estava ela. Seus dedos embrenhados na barba de Jesus. Depois os dedos tatearam de leve o rosto, as orelhas. Sara passou as mãos nos cabelos de Jesus e, em seguida, as mãos tocaram os lábios (havia um sorriso ali e ela sorriu também). Correu os dedos pelo nariz e Jesus fechou os olhos quando ela os tocou. Acariciou a testa de Jesus e novamente os cabelos.

Mas havia algo diferente naquele toque. Quando tateava, tudo ficava por conta de sua imaginação. Porém, conforme tocava o rosto de Jesus, uma luz invadia os olhos de Sara e clareava muito a imagem que se formava em sua mente.

Nunca conseguira imaginar exatamente como seria uma barba, mas, quando seus dedos tocaram a barba de Jesus, era como se realmente estivesse vendo. E estava. Conforme as mãos tateavam, o rosto de Jesus ia se formando nitidamente à sua frente.

Barba fechada, dividida ao meio, emoldurando um belo sorriso. Havia uma majestade naquele rosto e, ao mesmo tempo, autoridade. Os olhos brilhavam. Os cabelos, que caíam até Seus ombros, eram da cor de amêndoas bem maduras; mas para Sara, a partir daquele dia, amêndoas maduras teriam a cor dos cabelos de Jesus.²¹

A visão foi aumentando, como se o brilho da face de Cristo se expandisse. Sara viu o céu azul ao fundo e o monte acima.

– Seu rosto é lindo! – disse ela.

Um pouco mais ao longe, ouvia-se certo tumulto. Uma voz indignada foi se aproximando até um grito interromper o momento milagroso que viviam:

– Afaste-Se de minha filha, maldito impostor!

As palavras ríspidas vinham cuspidas de dentro da boca de Naum escondida pela espessa barba. Andava em passos largos, empunhando uma adaga na mão direita.

Quatro dos discípulos se interpuseram entre ele e Jesus.

– Pai!? – gritou Sara, levantando-se rapidamente.

– Eu vou matar você! – Naum apontou a adaga para Haniel. – E depois vou matar esse falso profeta. – Virou-se e esticou a arma na direção de Jesus.

– Pai! – gritou Sara mais uma vez.

– E você, menina, fique quieta ou...

Naum parou. Suas pernas bambearam por alguns segundos. O rosto de sua filha estava diferente. Havia uma felicidade ali que ele não via fazia muito tempo. Talvez ele só tivesse visto aquela expressão alegre nos olhos de sua amada esposa, Adira. Era isso, “nos olhos”. Nunca tinha reparado, mas Sara tinha os olhos da mãe. E havia algo diferente ali, Naum percebeu: aquela camada esbranquiçada que cobria os olhos de sua menina havia desaparecido. Em vez disso, havia um amendoado claro.

– Filha... – ele se aproximou, segurou nos ombros da menina e suas pernas cederam. Ficou de joelhos, e ela também.

– Eu posso ver – disse a menina. – Jesus me curou.

²¹ Descrição de Publius Lentulus



O CORAÇÃO DE NAUM

Atrás de Naum estavam as duas outras filhas. Ana e Marta davam as mãos. Viam o pai de joelhos na frente de Sara.

Jesus afastou os discípulos e se aproximou dos dois. Podia ver a cena inteira. Podia sentir a dor daquele homem. Conseguia ver o coração marcado pelo ódio, pelo rancor, pela avareza.

Ajoelhou-se ao lado deles e desejou realizar o maior e mais difícil de todos os milagres, aquele que cura o coração.

– Você não precisa viver assim – disse Ele baixinho a Naum.

Esse tipo de milagre não depende apenas de Deus. Depende mais do ser humano em aceitar Suas palavras. Geralmente, o homem que está no mau caminho não consegue reconhecer. Julga-se certo. Seu orgulho não o deixa retroceder. Este é o livre-arbítrio. A pessoa pode escolher continuar pelo caminho de dor e sofrimento. Pode escolher nutrir o mal e o ódio no peito. Pode decidir não amar, não ajudar, não ter bondade.

Jesus tem a resposta, a solução. Mas aceitar, abrir o coração para o Espírito de Deus, é função do ser humano.

– Siga em frente – continuou Jesus. – Suas filhas têm muito tempo pela frente. Elas precisam de um pai carinhoso e não apenas

de bens materiais. Você pode ser feliz. Você tem tudo para ser feliz e ajudar outras pessoas a encontrar a felicidade.

Naum chorava. O punhal havia caído de suas mãos e repousava na relva.

– Quem é Você? – perguntou o homem de cabeça baixa.

– Quem você diz que Eu sou? – perguntou-lhe Jesus.

Levantando o semblante, Naum olhou para o Homem à sua frente. Não resistiu ao brilho e novamente abaixou a fronte.

– Eu não sei o que posso dizer agora... – titubeou.

Havia temor em suas palavras. Tinha medo que, naquele momento, a ira de Deus caísse sobre sua cabeça. Estava diante do Filho de Deus e não tinha nada de bom a apresentar. Seu coração estava imerso na desesperança, no ódio, numa revolta por ter perdido a esposa, por ter sido julgado pelas pessoas.

Ana se aproximou e envolveu o pai em um abraço. Marta fez o mesmo, e depois Sara.

– Jesus – disse um dos discípulos se aproximando –, todos comeram.

– Recolham o que sobrou, para que nada se perca²² – disse Ele se levantando.

Marta levantou o pai e puseram-se a caminhar. Virou-se para Haniel e disse:

– Não vá trabalhar amanhã. Precisamos acalmá-lo. Espere que um mensageiro vá até sua casa.

Aquela família desceu o monte e os discípulos fizeram o que Jesus havia pedido: recolheram doze cestos com os pães e peixes que sobraram.

– Obrigado! – disse Cristo indo até Haniel e lhe entregando seu cesto com pães e peixes agora assados. – Obrigado por sua ajuda!

Haniel viu naquele momento a oportunidade de pedir seu milagre. Faria como Sara. Abriria o coração e pediria ajuda.

– Jesus – disse Pedro com um tom de urgência na voz –, há homens lá embaixo que perceberam o milagre que aconteceu na multiplicação dos alimentos. Estão vindo buscá-Lo para aclamá-Lo rei.

– Não é este o momento – falou Cristo. – Disperse-os enquanto subo o monte para orar.²³

Haniel viu o Pescador de Homens Se afastando. Pelo visto, naquele dia não alcançaria qualquer milagre.

²³ João 6:12, 13.

²⁴ João 6:14, 15.



HANIEL SOBE A MONTANHA

Abaixo de Haniel, as pessoas se dispersavam. Olhou para o alto da montanha que se destacava acima daquele monte.²⁴

Precisava ir embora. Pegou o cesto com os pães e os peixes. Olhou mais uma vez para cima e viu o manto de Jesus esvoaçando por entre as rochas. Ele estava subindo.

“Perdi minha grande oportunidade”, pensou consigo. Mas havia algo que não o deixava descer. Queria subir. Queria ir em busca de sua bênção. Esteve tão perto e a deixara escapar. Agora Jesus Se distanciava cada vez mais. Estava Se embrenhando por entre as rochas, subindo a montanha.

“Só irei incomodá-Lo.” Olhou para baixo. “Outro dia, quem sabe, eu O encontrarei novamente.” Começou a descer, mas a caminhada para baixo parecia ser mais pesada do que uma escalada. Virou-se e começou a subir.

Andou pelo monte enquanto a vegetação cedia lugar às pedras. Subiu, subiu. O caminho ficava cada vez mais íngreme.

– Eu vou alcançá-Lo – dizia a si mesmo.

A respiração tornava-se cada vez mais ofegante; as pernas, mais pesadas. A parede foi ficando íngreme e logo se viu usando as mãos para se apoiar nas paredes rochosas.

Escalou. Segurou numa pedra e puxou o corpo para cima. Olhou para o alto e nada viu. Uma vez ou outra, um relance das vestes de Jesus aparecia mais acima. Ele continuava subindo, bem alto.

Haniel insistiu. Colocou o cesto no chão. Era um peso a mais para suportar naquela subida. "Depois eu volto para buscar."

Contornou pedras e subiu mais alto.

Finalmente, deparou-se com um paredão quase liso. "Como Ele subiu por aqui?", perguntou-se o menino.

Viu uma fenda na lateral da pedra e enfiou a mão nela. Segurou firme e impulsionou o corpo. Subiu um pouco, mais um pouco. A pedra era alta, e a escalada foi difícil, mas finalmente uma de suas mãos segurou a borda. Conseguiu firmar a outra, mas seus pés não encontraram apoio.

Estava ali pendurado e sem forças para puxar o corpo para cima. Haniel olhou para baixo e uma imensidão se mostrou ao longe fazendo com que ele sentisse muito medo. Se as mãos escapassem, certamente morreria.

Fez força, mas só sentiu as mãos escorregarem. Estava perdido. A mão esquerda se soltou e apenas a direita o sustentava.

"Eu só queria ser um pescador", pensou ele. "Eu só queria ver minha mãe feliz mais uma vez."

Não havia mais esperança, os dedos escorregavam aos poucos, raspando no pó e na pedra.

– Senhor! Salva-me! – clamou quando estava prestes a escorregar.

Quando ia cair, sentiu a sensação de alguém segurando-o pelo punho. A mão de Haniel soltou a pedra e agarrou o braço que o segurava.

Pendurado, Haniel foi sendo içado. A mão firme o segurava, elevando-o para cima da pedra.

Finalmente pôde ver: era a mão de Jesus que o salvara. Ali, sobre a pedra, estava seu Salvador.

– Eu ia cair – disse o menino.

– Mas acho que cheguei a tempo – sorriu-lhe Jesus com a mão ainda retesada no punho de Haniel e a de Haniel no seu.

Olharam um para o outro por um instante enquanto o vento esvoaçava as roupas e os cabelos de ambos.

– Eu quero ser livre – disse Haniel. Sua voz se misturava ao vento. – Faça-me livre para ser um pescador.

– Você é livre – disse Jesus. – Você escolheu estar aqui. Escolheu ser fiel ao que aprendeu em sua infância.

– Não. Eu sou um escravo.

– Seu coração não é escravo. Ele vai aonde você mandar.

Não era a resposta que esperava. Haniel queria algo como "Eu te liberto" e pronto. Voltaria para casa como um menino livre. Não foi o que ouviu, mas mesmo assim havia conforto naquelas palavras. De alguma forma, ele era livre ao lado de Jesus no alto daquela montanha. Livre da escravidão e da dor. Livre até mesmo de seus sonhos que de tão difíceis pareciam impossíveis. Queria ficar para sempre segurando nas mãos de Cristo, pois sentia nelas uma segurança que só lembrava ter sentido quando ainda podia abraçar o pai ou quando a mãe não estava doente.

– Jesus – disse ele –, minha mãe está doente. Ela sente muitas dores. Você pode curá-la?

– Ela não está aqui comigo. E não posso ir até ela. Poderia Eu curá-la? – perguntou Jesus, testando sua fé.

– Eu creio que sim. Se assim quiser, o Senhor pode curá-la.

– Seja feito como a sua fé determina – falou Jesus e sorriu novamente. – Agora vá. Está escurecendo. E cuide-se para que você não caia.

²¹ Mateus 14:23, versão Bíblia Viva: "Então, feito isso, Ele subiu à montanha para orar".



17

CAMINHANDO NA CHUVA

Jesus continuou a subida. Haniel sentia-se eufórico e abençoado.

Não foi uma tarefa fácil buscar aquela bênção. Lembrou-se do patriarca Jacó, que lutou com o anjo, insistindo para que lhe concedesse sua bênção.²³

Desceu cuidadosamente a encosta da montanha. No meio do caminho, ele pegou o cesto que havia deixado para trás. O Sol já se escondia, e Haniel caminhou para casa.

Atrás dele, o tempo fechava. Nuvens escuras cobriam o mar de Tiberíades. Haveria uma forte chuva naquela noite, mas Haniel se perguntava como ficaria a tempestade que assolava sua vida desde a morte de seu pai.

Andou pelo vale, e a chuva o encontrou. A jornada foi longa, cansativa. A água fazia pesar a túnica, e ele protegia o cesto para não umedecer os pães. Cearia com a mãe naquela noite.

Ao longe, viu sua pequena casa. As frestas da porta lançavam na escuridão riscos vermelhos da lamparina.

Apressou o passo, queria chegar logo. Distante, viu um vulto à porta que saiu na chuva e correu em sua direção. Aproximou-se rapidamente dele. A roupa e os cabelos longos encharcados pela chuva.

Haniel conhecia aquela figura, mas há muito não a via daquela maneira, sem rugas de dor oprimindo o rosto.

– Meu filho – disse a voz meiga de Joana, envolvendo Haniel entre os braços –, eu não sinto dor. Não há mais dor em meu corpo.

Retribuindo o abraço apertado, o menino chorou. Queria contar tudo naquele mesmo instante, mas não conseguia. Aliás, talvez não precisasse, pois Joana sentiu que tinha recebido um milagre.

Ali, abraçados no meio daquela torrente, os dois choraram. Entraram encharcados no casebre. Não havia palavras, eles apenas se comunicavam com risos, abraços e expressões de felicidade. Expressões essas que os dois tinham esquecido num passado que agora parecia tão distante.

– Foi Jesus – disse Haniel. – Eu O encontrei e pedi a Ele que tirasse sua dor.

Joana chorou mais uma vez. Já ouvira falar de um profeta que andava pela Galileia. Ela mesma já havia nutrido esperanças em procurá-Lo, mas como faria isso se estava tão debilitada e completamente impossibilitada de dar mais que alguns passos?

Naquela tarde, ela estava agonizando na cama. Era como se uma bola de espinhos girasse dentro do corpo. A dor se espalhava como chama em palha seca e depois cessava. Breves minutos de alívio, seguidos de dores intermináveis (qualquer minuto é uma eternidade para alguém afligido por uma dor intensa).

Mas algo aconteceu. A lúgubre luz vermelha da lamparina ficou intensa, branca, até ofuscar sua visão. Achou que poderia estar morrendo, mas não era isso. Ela estava retornando à plenitude de sua saúde. A luz aqueceu seu corpo e tirou a dor como uma toalha que suga a água esparramada no chão.

Naquele momento, ela queria agradecer Haniel. Não conseguiu. Caiu de joelhos e prostrou o rosto no chão de terra batida. Orou ao Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Entre soluços intensos, o menino só conseguiu distinguir uma palavra: "Obrigada!"

Debruçou-se sobre os ombros da mãe e ficaram ali por alguns minutos.

Haniel se levantou e lavou as mãos. Abriu o cesto e tirou os dois peixes e cinco pães de cevada. Nem pareciam ter sido tocados antes.

Colocou-os cuidadosamente sobre a toalha estendida no chão. Joana se levantou, limpou o rosto e depois as mãos. Os dois colocaram roupas secas, e a mãe foi esquentar o jantar.

O aroma de peixe assado invadiu a pequena casa. Havia muito não sentiam aquele cheiro. Joana colocou a travessa na mesa, ao lado dos pães. Comeram em silêncio. Para um dia tão completo como aquele, não haveria palavras. De vez em quando, sorriam, com a boca cheia de pão e peixe.

Dormiram um sono tranquilo. Joana não sabia o que era dormir meia hora seguida, sem ser interrompida por espasmos de dor intensa. Naquela noite, ela sentiu como se estivesse no Céu. O som da chuva embalava um sono suave, leve, e ela só acordou quando os raios do sol da manhã atravessaram uma fresta da janela.

Haniel estava lá fora. Com o machado apoiado no ombro, ele olhava para o vale lavado pela chuva. Havia decidido aproveitar o dia para cortar lenha (coisa que fazia apenas à noite ou de madrugada, pois seus dias eram sempre dedicados à loja de Naum).

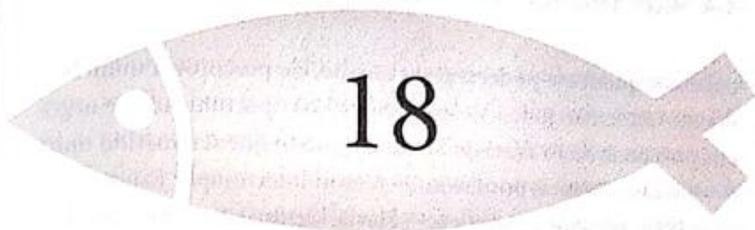
Andou pelo vale, buscando madeira seca. Cortava-a em pedaços e fazia pequenos montes. Sentia-se livre naquele dia. Longe de tudo e de todos. Em casa estava a mãe, perfeitamente curada.

“Obrigado, meu Deus!”, agradecia a cada segundo.

Ao voltar com um monte de madeira nos braços, viu que havia uma carroça parada em frente da casa. Em cima, estavam Marta, Ana e Sara. Apeado, em frente da porta, estava Naum.

Haniel soltou a madeira no chão. “Escapei ontem, mas hoje terei meu castigo”, pensou atônito.

²⁶ Gênesis 32:26.



PERDÃO

O menino não sabia se ia ou se voltava. Pensou em correr, em fugir para longe. Em nada iria adiantar. “Eu sou livre”, pensou ele dando um passo à frente, “Jesus disse que eu sou livre.”

Aproximou-se apenas o suficiente. Joana também não sabia o que dizer.

Naum e as filhas foram convidadas a entrar. Apertaram-se ao redor da pequena toalha estendida no chão.

– Perdoem-me por não ter nada para servir – disse Joana. Haniel estava a seu lado.

– Por favor, não se preocupe com isso – falou Naum com a voz embargada. A pele estava vermelha, assim como os olhos e o nariz. Parecia que havia levado uma surra e passado a noite chorando.

O homem sentia um nó na garganta como se tivesse engolido uma bola de massa de farinha e ela estivesse ali grudada, bloqueando a passagem do ar.

– Senhora Joana, eu vim aqui porque tenho um débito com a senhora e com o menino Haniel – explicou com a voz embaraçada. – Iran era judeu como eu. Portanto, meu irmão. Ele precisava de ajuda para conseguir um barco e me procurou. Entre todas as

peçoas a quem ele poderia pedir auxílio, ele procurou a mim. Não vi nele um irmão judeu. Vi apenas uma boa oportunidade de negócio, pois conhecia a fama de homem honesto que seu marido tinha.

– Senhor Naum, por favor... – tentou interromper Joana.

– Não, por favor peço eu. – Havia lágrimas nos olhos do homem. – Deixe-me falar. Eu preciso falar.

Marta colocou as mãos em seu ombro, e ele continuou:

– Emprestei o dinheiro para seu marido e cobrei juros. Ele não reclamou, apenas aceitou, pois sabia que, com algum sacrifício, conseguiria me pagar. Então aconteceu a fatalidade que vocês lamentam muito mais do que qualquer outra pessoa. O mar levou Iran e o barco que eu o ajudei a comprar. Eu enlouqueci. Poderia simplesmente dizer isso e tentar justificar meu egoísmo, mas a verdade é que há muito tempo eu já havia enlouquecido. Acho que me perdi quando Adira se foi. E não aceitei ter uma filha cega – virou-se envergonhado para Sara. – Ah, filha, só posso lhe pedir perdão mais uma vez.

Fora justamente isso que Naum havia feito na noite anterior. Pedira perdão às filhas. O encontro com Jesus mostrara feridas que estavam escancaradas. Ele ouvira a voz do Salvador e se arrependera. Fora um milagre tão grande como fazer um coxo se levantar.

Aquele momento ainda era muito difícil para Naum, pois não era apenas uma questão de se arrepender. Ele estava ali em busca do perdão, buscando um bálsamo para as chagas em sua alma.

Engoliu em seco, fazendo a garganta estalar.

– Garoto, eu errei com você – disse dirigindo-se a Haniel. – No momento mais difícil de sua vida, eu só consegui piorar tudo. Eu desonrei nosso pai Abraão. Desonrei o próprio Deus de Israel ao agir daquela forma com você. Eu deveria ter acolhido vocês dois, viúva e órfão. Ao contrário disso, eu os escravizei. Perdoe-me, Haniel.

Fora um ano muito difícil para o garoto. Ele havia enfrentado a pior dor. Sua luta fora a mais angustiante. Tinha sido atormentado física e mentalmente. Naum era o carrasco nesses dois aspectos.

Quando Haniel saía de casa ao amanhecer, ficava imaginando como estaria a mãe ao voltar. Houve dias em que ele sentiu um forte desejo de ficar para cuidar dela, mas não podia.

Certa vez, ele tomou coragem e pediu a Naum que autorizasse sua volta para casa, pois sua mãe estava com muitas dores. A resposta foi um sonoro “não”, seguido de algumas ofensas.

– Eu o perdoo, senhor Naum – disse Haniel que, naquele momento, também estava chorando. – Mas eu gostaria de dizer que o senhor foi a causa de muita dor para mim.

– Eu sei, e... – Naum tentou interrompê-lo.

– Não, o senhor não sabe. Eu sempre preferi pensar que o senhor não tinha noção do que estava fazendo comigo, que não tinha noção da dor que me fazia sentir, que não sabia o quanto me doíam suas palavras. Pensar que sabia só faria tudo piorar. Se eu imaginasse que suas atitudes eram voluntárias, isso faria do senhor uma pessoa muito pior.

Não havia ódio nem rancor na voz de Haniel, mas todos perceberam que ele estava desabafando e que precisava fazer isso.

– Eu sofri muito em suas mãos. Um sofrimento que me fazia clamar por libertação em todas as minhas orações ao Deus de Israel. Senhor Naum, eu sei que sou seu escravo, que lhe pertenço, mas eu não suporto mais ser tratado como um animal dentro de sua casa. Eu não me importo em trabalhar, em carregar o que for preciso, mas, por favor, não me trate mais daquela forma.

– Sim, Haniel. Jamais tornarei a me dirigir a você com tamanha grosseria e violência. E, além disso, eu quero dizer que, a partir de hoje, você é um garoto livre. Eu o liberto do jugo da escravidão.



VOCÊ É LIVRE

“Oh, Deus!”, Haniel queria gritar, mas a voz estava entalada na garganta, embargada por uma alegria imensa. Joana o abraçou e agradeceu a Naum. O milagre não podia ser mais completo.

Marta puxou uma sacola que trazia consigo e a empurrou tilintando para o outro lado da toalha.

– Não podemos aceitar seu dinheiro – disse Joana, percebendo que se tratava de moedas.

– Não é meu dinheiro – disse Naum. – É dinheiro de seu filho. É o pagamento por cada dia muito bem trabalhado em minha loja.

– E o valor do empréstimo que Iran fez? – perguntou a mulher.

– Aquele é um dinheiro perdido para mim. Um negócio que não deu certo. Perdas e ganhos fazem parte de qualquer comércio.

Era justo. Joana puxou a bolsa para si, não sem antes agradecer. Ela não sabia que havia um considerável bônus que Naum tinha acrescentado enquanto pensava: “Jamais poderei pagar todo mal que fiz a esse menino.”

– Não sei se você aceita, Haniel, mas gostaria que trabalhasse comigo. Mas agora como funcionário remunerado e com o compromisso de ser bem tratado – afirmou Naum.

O garoto olhou para a mãe, como que esperando a ajuda para responder. Havia nela apenas um olhar companheiro. Haniel sabia que qualquer decisão sua seria apoiada por Joana.

– Não, obrigado! – disse ele. – Eu vou procurar um emprego na feira de peixes. Eu quero ser um pescador como meu pai.

Não houve discussão. O homem se limitou a dizer que a vaga era do garoto se ele a desejasse.

Ao se despedirem, Marta e Ana deram um forte abraço em Haniel. Sara fez o mesmo. Os dois ficaram um bom tempo envolvidos naquele abraço fraterno.

– Obrigada! – disse ela.

Haniel respondeu com a mesma palavra:

– Obrigado! – Sabiam que naquela pequena jornada até Jesus um havia se apoiado muito na fê do outro.

No dia seguinte, Joana e Haniel foram para Betsaida procurar uma casa para comprar. Conseguiram uma casa bem simples, próximo ao mar. O dinheiro pago por Naum era suficiente. Ainda sobriaria certa quantia para suprir suas necessidades por alguns meses, até que conseguissem um emprego.

Fecharam o negócio e se mudaram para a cidade na semana seguinte.

Depois disso, aconteceu uma daquelas coisas que podemos chamar de “cadeia de coincidências divinas”, em que se torna visível a mão de Deus abençoando cada acontecimento.

Haniel foi até Oseias, o comerciante da feira de peixes, e conseguiu um emprego com ele. Iniciou como carregador de caixas, mas não demorou muito e já estava ajudando nas vendas e no controle do caixa.

O menino, porém, sempre olhava para o mar. Era como se as ondas o convidassem a entrar na imensidão azul. Queria ser pescador, como era seu pai. Desejava pescar peixes como Jesus pescava homens.

Alguns anos depois, quando Haniel possuía mais experiência e maturidade, Oseias permitiu que ele entrasse para a equipe de um pequeno grupo que conduzia um de seus barcos. Por dois anos, Haniel foi pescador.

Mas Haniel teve ainda outra conquista. O tão esperado dia de seu casamento havia chegado. Sua esposa era seu maior presente. E esse presente fora-lhe confiado pelas mãos de seu sogro: Naum!

Deixe-me explicar o que aconteceu. Logo que se mudaram para a cidade, Joana procurou emprego. Em suas andanças, passou pela loja de Naum, e ele lhe ofereceu uma vaga. O movimento estava ótimo, e ele estava revezando suas filhas na casa e na loja. Mas queria que elas tivessem mais tempo para seus afazeres do lar, como cozinhar, bordar, porque essas atividades eram muito valorizadas naquela época.

Os laços daquela família estavam cada vez mais fortes, e Naum aprendeu a ser um pai amável e carinhoso. Reencontrou a felicidade nas filhas e agora era um novo homem, transformado pela sua entrega a Deus. Ele pôde abençoar o casamento de suas filhas Marta e Ana, que se uniram com ótimos rapazes.

Já a amizade de Haniel e Sara se transformou em amor. Foram abençoados por Deus e por Naum, que, no dia do enlace dos dois, abraçou fortemente o rapaz e disse:

– Você é o filho que eu não tive, o homem que cuidará desta casa quando eu não mais estiver aqui.

Não havia mais qualquer mágoa no coração de Haniel. O perdão foi milagroso e completo. Ele aprendeu a amar aquele velho homem que soube dominar o orgulho e aceitar as palavras de admoestação de Jesus.

Certo dia, Haniel estava na praia. A seu lado, Iran, o filho de quatro anos. Eles pescavam com um caniço no mar, aproveitando o Sol de fim de tarde.

Iran pegou um pequeno peixe e o colocou na areia. Mas, logo em seguida, o menino pegou o peixe e o levou até a água, dizendo com sua voz pueril:

– Vá, peixinho! Você é livre!

Naquele momento, Haniel entendeu que Jesus, o Pescador de Homens, fez o mesmo com ele. Jesus o pescou e sussurrou-lhe:

– Vá, Haniel, você é livre.

EPÍLOGO

Sentados na varanda estavam Nina e Tato. Com olhos bem arregalados, ouviam o desfecho da história contada por José.

– Eu quero pescar um peixe – disse a pequena menina.

Tato se levantou e deu um beijo no rosto do avô.

– Crianças, está na hora do Culto Jovem – da janela da sala, chamou Laís (mãe das crianças e filha de José). – Entrem. Precisamos nos arrumar.

Aprontaram-se rapidamente, entraram no carro e, enquanto o carro se movimentava em direção à igreja, Tato, sentado atrás, ao lado do avô, perguntou:

– Essa história existiu mesmo?

– Pergunte para Jesus quando estivermos com Ele no Céu. Se não foi como eu contei, foi mais bonita ainda – sorriu o velho homem.

Naquele momento, olhando para a face do avô, Tiago sentiu um forte desejo no coração. Então disse:

– Acho que sei o que quero ser quando crescer.

– E o que você quer ser?

– Um pescador de homens!

NOTA DO AUTOR

É sempre difícil escrever ficção, principalmente quando isso envolve personagens reais, como é o caso de *Um Simples Lanche*.

Se você conhece bem a Bíblia, sabe que ela não fala praticamente nada sobre o garoto que tinha um cesto com peixes e pães de cevada. A Palavra de Deus fala apenas que, a partir daqueles poucos alimentos, Jesus alimentou uma multidão, pois multiplicou os pães e os peixes.

Quando surgiu a ideia de escrever sobre esse personagem, perguntei a dois teólogos amigos sobre o garoto citado em João 6:5-9. Eles me falaram que, de fato, ninguém sabia dizer nada a respeito dele, sendo que suspeitavam apenas que se tratava de um menino provavelmente pobre, já que em seu cesto havia o alimento mais comum de Betsaida (peixe), pois esta era uma cidade de pescadores. Contaram-me também que, na época de Jesus, os pães de cevada eram comuns entre a classe mais pobre, pois a farinha de cevada era bem mais barata que as outras farinhas.

O personagem começava a tomar forma: um garoto pobre, com alimento escasso, que possivelmente era para alimentar a família. Foi assim que Haniel se apresentou para mim e foi me encantando enquanto sua história tomava forma nesta aventura imaginária que você acabou de ler.

Outro desafio deste livro foi tratar com os personagens mais conhecidos, principalmente Jesus. Para isso, naveguei nas lacunas do texto sobre o milagre da multiplicação dos pães e utilizei os textos existentes na Bíblia para tratar alguns diálogos que no livro estão anotados com as respectivas referências.

Nos diálogos envolvendo Jesus e Haniel, tentei ser o mais fiel à imagem do Messias, retratada na própria Palavra de Deus e nos escritos de Ellen White, especialmente quando ela descreve no livro

O Desejado de Todas as Nações a forma como Jesus conversava e tratava as pessoas. Tenho certeza de que todos os esforços foram limitados, pois é impossível para a imaginação alcançar a realidade de estar sentado diante de Cristo e contemplar Seu sorriso.

Finalmente, não posso deixar de esclarecer que este livro não teve a finalidade de descrever, com exatidão fundamentada, quem era o menino, dono do cesto de pães e peixes. É um exercício de imaginação, uma espécie de parábola moderna, que busca ensinar mais sobre fê, perseverança, milagres, o amor de Cristo por nós e outros temas afins que o leitor atento certamente perceberá.

Além de tudo, posso afirmar que o maior desafio e objetivo deste livro é despertar em você o desejo que despertou no personagem Tiago, após ouvir a história: a vontade de ser um pescador de homens como Jesus.

Muitas bênçãos para você!